



Deságua

Sérgio Edriane Rezende

Cooperado de Cirurgia de Cabeça e Pescoço

Zezé tinha peitos grandes. Era uma negra desbotada, sem jambo. Seus mamilos eram cookies de chocolate. Estavam enormes e bem pigmentados devido à amamentação. Tirava aquela cabaça pra fora e quase afogava o menino. Tinha leite de sobra. Era uma quantidade de enzimas, cappuccinos e outros hormônios. Nenhuma fruta do nosso pomar tinha a vitamina que o Euler mamava. Tudo pronto e quentinho.

Eu frequentava o terreiro da casa dela pra brincar de fazer nada com seus filhos. Ficava espiando. Ela não se importava, amamentava naturalmente. Minha mãe não me deu muito leite. Soube depois, que mamei só dois meses. Euler mamava tanto quanto podia e já ia bem gordinho, quase andando.

Passei a ir à casa da Zezé todos os dias. De manhã cedo já estava lá no jardim, pra ver se sobrava um leitinho. Mas era à tardinha que ela tirava aqueles peitões pra fora, ali pertinho de mim, sentada à soleira da porta, bem à altura do meu nariz. Euler sugava com vontade, gemia. Quando ela acabava de amamentar, punha um paninho dentro do sutiã pra não ficar escorrendo. Tinha muito leite.

Mamãe notou que eu estava meio amuado. Ficava um tempão pra comer um nada. Eu já não conseguia pensar em outra coisa. Fechava os olhos e imaginava aqueles melões. Sentia o peito da Zezé balançando na minha cara, batendo nos meus lábios, o leite descendo na minha boca. Minhas mãozinhas sumindo, tentando segurá-los. – Eu quero mamá na Zezé!

Dona Lourdes fez uma meia volta, rodopiou e caiu suavemente na cama. Seus olhos piscavam fechados, bem apertados. Aproximei-me como se soubesse que ela não estava passando mal de verdade:

– Mãe, eu quero mamá na Zezé. Eu quero! (insistia, mexendo no seu rosto).

Minha mãe sorriu. Pegou-me no colo e se recostou na cama, oferecendo-me a mama direita: - Mama na sua mãe. Mamei, mamei e não saiu nada. O peito da minha mãe era pequeno e castigado. Larguei logo. Eu devia ter uns 3 anos. Morávamos em uma vila de trabalhadores da construtora. Casas com jardins e quintais. Não demorou muito pra minha mãe ir falar com a vizinha. Papo vai, papo vem, introduziu o assunto:

- O Serginho tá andando meio acabrunhado, não sei se você notou. Pensei que era alguma doença e ia levar ao médico, mas agora estou percebendo, Zezé, acho que ele tá é aguado.

- Aguado?

Eu ali, aguadinho num canto, escutando tudo. Tive vontade de perguntar se ela não tinha notado que eu estava de olho nos peitos dela.

- Aguado. Não come direito. Tá desinteressado. Outro dia quis que eu desse de mamá. Dei o leite todo pros que vieram antes. Tá dormindo enroladinho, voltou a chupar o dedo.

- Coisa, hem? E Zezé, túrgida de si, agradecia aos céus por não passar esses perrengues. Atochando o peito na boca do Euler, quase teve um troço, quando minha mãe a pegou na curva:

- Você pode deixar meu filho mamar um pouquinho?

Senti minha boca se encher da água que vinha de todos os cantos. Estava difícil engolir tanta saliva. Zezé me olhou com doçura. Senti que ia me arremessar um daqueles peitões. Mandou bem mãe, ela vai deixar! Parece que ficou até lisonjeada. Afinal de contas, tinha leite pra dar e vender.

Foi quando João-Bafo-de-Onça estacionou o carro. Filho da puta. Tem que buzinar pra avisar que tá chegando em casa, corno? Aguei de vez.

Os dias foram passando e nada da peitola. Andava impaciente. Já tava aguado há muitos dias e a fome começando a ficar braba. Tive que comer alguma coisa, mas com cuidado pra não desaguar. Sempre ficava a expectativa que, a qualquer momento, ganharia o meu leitinho. Continuava rondando ali por “peito”, brincando com os meninos. Aqueles seios não saiam da minha cabeça.

Um dia, debaixo de uma janela, ouvi uma conversa atravessada.

- Me sinto culpada, Bafo.

- Onde já se viu, um menino grande desses, já tem quase 4 anos e com a boca cheia de dentes? O Bafo era um sujeito curto e gordo. Tinha ciúmes de mim, um garotinho com dentes de leite. Tive vontade de falar pra ele que eu não ia arrancar pedaço.

- Os zóio do menino tão até virado. Deixa eu dar de mamá pra ver se ele deságua!

Não esperei a resposta. Minha boca secou. Senti pegar fogo na minha cara. Meu coraçãozinho acelerou. Corri. O mundo ia ficando colorido à minha volta novamente. Vi o cinza derretendo e o verde preenchendo as árvores do quintal. Corri muito. Passavam frutos amarelos com suas nuances, o azul do céu de fundo, tudo se abrindo. Será que eu ia mamar de verdade?

Por essa época, mamãe notou que eu estava com dificuldade pra enxergar. Ficava girando a cabeça, procurando com o olho bom. Mandou eu contar os urubus do céu. Vi poucos dos que estavam voando. A falta do leite bom entortou meus olhos. Como médico de olho era só na capital, comecei a fazer a simpatia do ovo. Todo dia cedo, mamãe pegava um ovo recém-botado e punha no fundo do oco do olho esquerdo, pra desintortá. Aquele ovo bom, quentinho, funcionou. Segundo o médico, na

falta do leite, o ovo foi importante. Tá certo que depois teve o óculos e o tampão e muita reza pra Nossa Senhora da Gruta. Coloquei ovo quente no olho todo dia até desintortá o último grau, já aos 12 anos. Os da Ximbica eram meus preferidos, pois ela sabia botar ovos limpos.

Foi numa dessas idas ao galinheiro que Zezé me chamou na cerca. Atravessei o arame farpado e caminhei com ela pelo pomar, até a matinha. Ninguém costumava ir muito ali, porque tinha muitas árvores frutíferas mais perto das casas. Ela exalava uma mistura de café fresco e prolactina. Segurava-me pela mão, decidida. O volume inspiratório dos seus seios forçava as costuras do vestido, esgarçando algumas fibras do tecido. Não falou muito. Foi me conduzindo pra debaixo da grande mangueira. Todos os insetos à zumbir na tarde. Parei de chupar manga. Faz mal de misturá.